

09/08/98
30/8/98 12
813

Esterilização de índias pode exterminar aldeia

Líderes pataxós acusam deputado de oferecer laqueadura de graça, sem autorização da Funai, na campanha de 94

Isabel de Paula

• ITAJU DO COLÔNIA (BA). Os 62 índios pataxós hã-hã-hã da aldeia Baheté — parentes de Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em Brasília no ano passado — podem ser os últimos a contar a história de seu povo. Uma geração de pataxós foi esterilizada. Todas as mulheres em idade fértil da aldeia sofreram ligadura de trompas durante a campanha eleitoral de 94, sem autorização da Funai. A esterilização de índias no Sul da Bahia foi denunciada por líderes indígenas à ONU e à Funai, que já pediu ao Ministério Público a abertura de inquérito civil e criminal para apurar responsabilidades.

Na aldeia Baheté, não há sequer uma índia grávida nem têm nascido mais crianças. Espremidos entre a cidade de Itaju do Colônia, a 110 quilômetros de Ilhéus, e propriedades de grandes fazendeiros que se apoderaram de parte da reserva, os pataxós estão vendo sua nação minguar. A aldeia tem apenas 62 habitantes, sendo que as dez mulheres em idade reprodutiva não podem mais ter filhos. Como as cirurgias viraram uma prática rotineira em época de campanha eleitoral, os líderes indígenas temem que as jovens também entrem na onda de esterilização, levando a tribo ao extermínio.

Cacique acusa políticos de se aliarem a políticos

Os pataxós afirmam que as cirurgias de ligadura de trompas foram patrocinadas pelo médico e deputado federal Roland Lavigne (PFL-BA) — na época dono de hospitais da região — com verbas do SUS e em troca de votos.

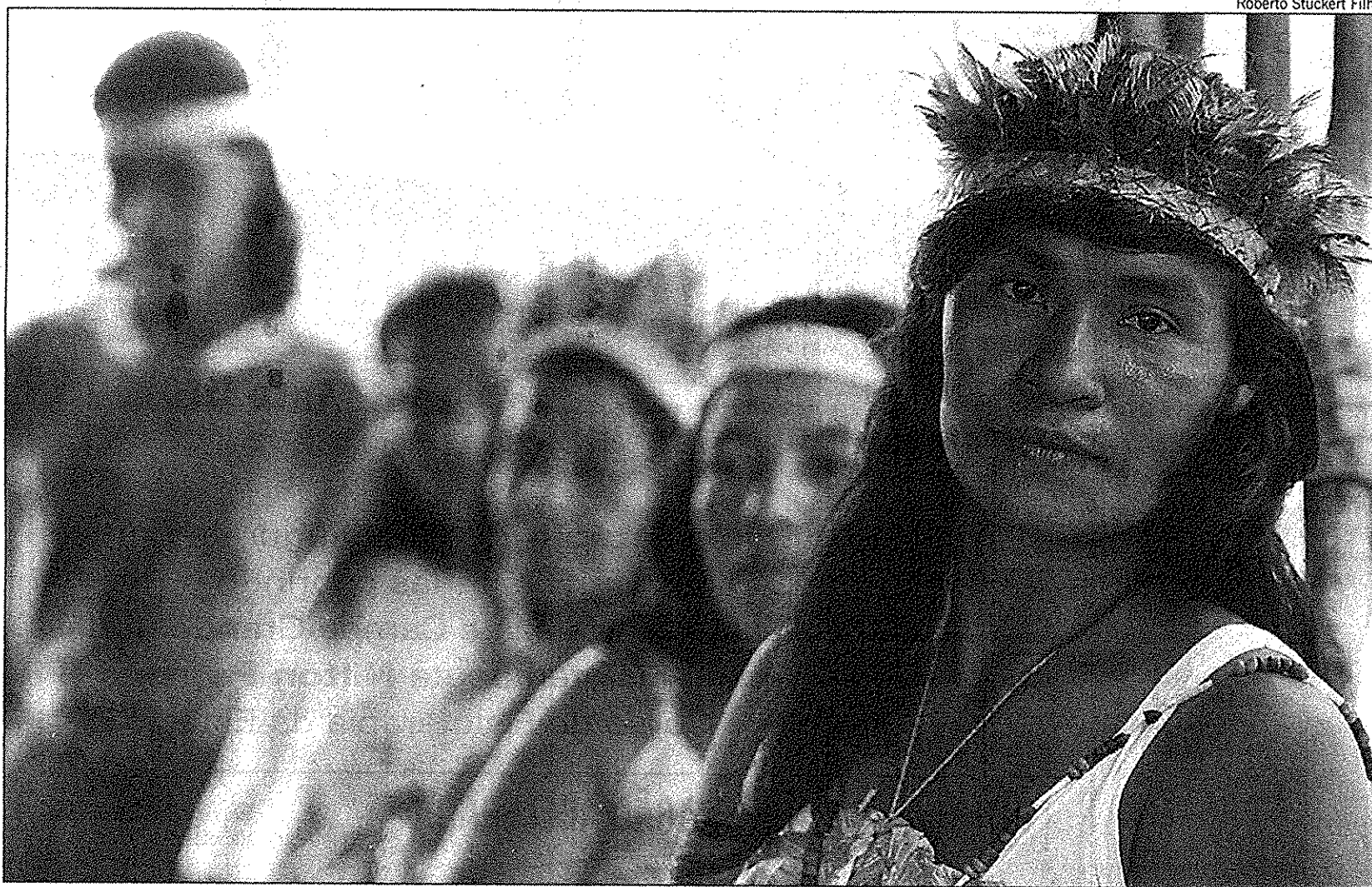
— Os políticos estão fazendo isso para acabar com a nação indígena, assim como os fazendeiros fizeram com nossas florestas. Aqui, foi o deputado Roland Lavigne quem ofereceu as cirurgias — acusa o cacique da aldeia, Alcides Francisco Filho, o Piba.

Lavigne, o quarto deputado mais votado da Bahia na eleição de 94 (recebeu 71 mil votos), nega que ele ou qualquer médico de sua equipe tenha feito laqueadura em índias. Acusações de envolvimento dele com irregularidades na área de saúde, no entanto, não são novidade. Depois de uma auditoria sobre desvios na aplicação de recursos do SUS feita pelo Ministério da Saúde no Sul da Bahia, o deputado foi obrigado a fechar a Clínica Médica da Região Caçueira (Climercau), em Una, e acabou, segundo ele, vendendo o Hospital Santo Antônio, sediado em Camacã. O deputado foi citado numa CPI aberta em 95 pela Câmara para apurar o uso indevido de verbas do SUS. A Polícia Federal de Ilhéus também investiga o caso.

— Eu rasgo o meu diploma de medicina e abro mão do meu mandato como deputado federal se você conseguir provar que eu fiz essas laqueaduras — defende-se Lavigne.

Apesar da miséria, mulheres hoje se arrependem

Não é difícil imaginar o que levou as mulheres casadas de Baheté a fazer a esterilização. Os índios vivem numa pequena área de um alqueire de terra seca, improdutiva e sem alimentos. O rio

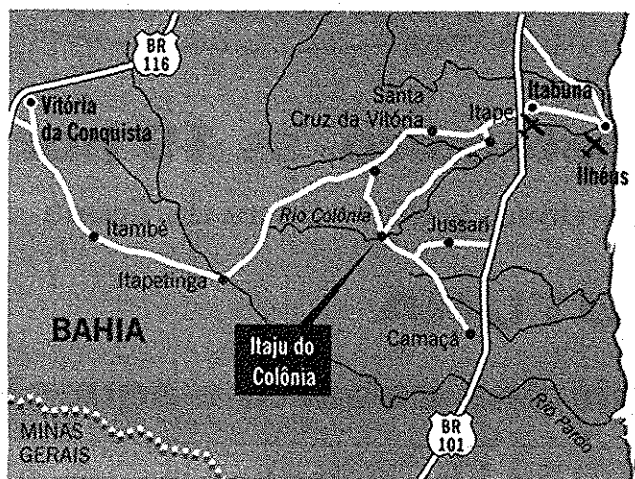


Roberto Stuckert Filho

MULHERES DA ALDEIA Baheté que não podem mais ter filhos, após laqueadura supostamente oferecida por candidato a deputado: pobreza e arrependimento

Editoria de Arte

O DRAMA DA ÍNDIAS PATAXÓS

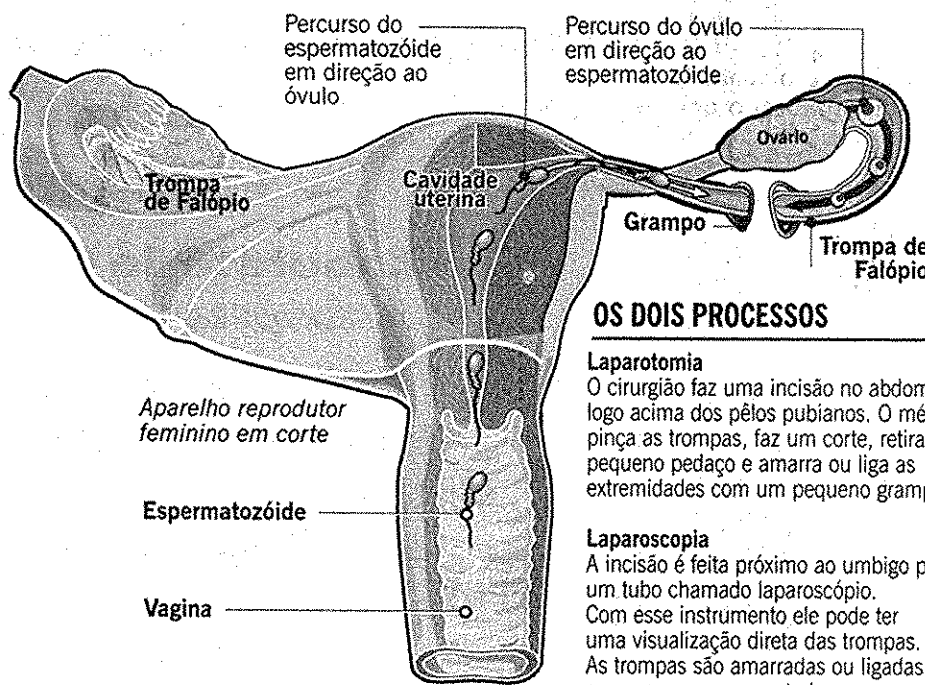


OS NÚMEROS DOS ÍNDIOS PATAXÓS

- Os índios ocupam só 1,5% da área pataxó. Os fazendeiros se apropriaram de 98,5% das terras
- A reserva Caramuru-Catarina Paraguassu - terra de Galdino - tem dois mil índios, 700 mulheres e registra também dez esterilizações
- Os pataxós disputam com 280 fazendeiros a posse de 420 fazendas que estão nas mãos de plantadores de cacau e pecuaristas
- Nove índios já morreram em conflitos com fazendeiros que ocupam área dos pataxó
- Duas índias engravidaram depois da laqueadura
- Entre cinco mil e 10 mil mulheres foram laqueadas na região em período eleitoral

A OPERAÇÃO

Chama-se "ligadura de trompas" a interrupção da trompa de Falópio, o conduto por onde trafega o óvulo em direção ao espermatozoide. Existem dois tipos de operação: laparotomia e laparoscopia. Nelas as trompas são cortadas e amarradas para obstruir o trajeto do óvulo e evitar a gravidez. O óvulo bloqueado onde a trompa foi amarrada e cortada morre e é reabsorvido pela própria trompa. O tempo de internação no caso da laparotomia é de 24 horas, mas a mulher precisa de repouso por oito dias, quando então retira os pontos. É recomendável evitar esforço físico por três ou quatro semanas. A viagem feita pelas índias no dia seguinte ao da cirurgia pode provocar complicações no pós-operatório, como dores, infecção da parede abdominal e sangramento



OS DOIS PROCESSOS

Laparotomia
O cirurgião faz uma incisão no abdome, logo acima dos pelos pubianos. O médico pinça as trompas, faz um corte, retira um pequeno pedaço e amarra ou liga as extremidades com um pequeno grampo

Laparoscopia
A incisão é feita próximo ao umbigo por um tubo chamado laparoscópio. Com esse instrumento ele pode ter uma visualização direta das trompas. As trompas são amarradas ou ligadas com um grampo e cortadas

Colônia, que corta a aldeia, vem sendo represado pelos fazendeiros da região e já não tem mais água nem peixes suficientes. Os índios passam fome e sobrevivem da cesta básica fornecida pelo Governo. Apesar das dificuldades, hoje, quatro anos depois das primeiras cirurgias, o povo pataxó mostra arrependimento pela decisão que, na época, parecia a salvação para quem não tinha o que dar de comer às crianças.

— Eu me arrependi porque ainda poderia aumentar a minha família de índios. Hoje, olho para minha aldeia e vejo ela se acabando — lamenta Maria José Filha,

com 40 anos e seis filhos.

A laqueadura tubária de mulheres de baixa renda virou uma poderosa moeda eleitoral na Bahia. No caso dos pataxós do sul do estado — 6.200 no total — cerca de dois mil têm título eleitoral e estão no alvo dos candidatos. As índias contam que, em 94, cabos eleitorais de Lavigne foram à aldeia Baheté divulgar que o candidato estava oferecendo cirurgia de graça à população carente em hospitais de sua propriedade nos municípios de Camacã e Una, próximos de Ilhéus.

Mãe de cinco filhos e com o marido doente, Sônia Francisca

Muniz, de 29 anos, acabou convencida de que não teria condições de sustentar outras crianças e resolveu fazer a operação. Sônia lembra que ela e outras mulheres foram levadas da aldeia até o Hospital Santo Antônio, em Camacã, num ônibus de campanha do deputado. Nenhum exame pré-operatório foi feito no hospital. A índia teve as trompas ligadas depois de sofrer uma incisão vertical no abdômen, do púbis até quase o umbigo. No dia seguinte, as mulheres receberam um cartão com a foto e o número do candidato e foram levadas de volta à aldeia por uma estrada de

40 quilômetros de terra, cheia de buracos, sem tomar sequer um analgésico.

— Passei muito mal. Achei que fosse morrer. Cheguei a me arrependar antes da cirurgia, mas não dava mais tempo. Eu queria mesmo era ter mais filhos até o dia em que Deus quisesse me ligar — recorda Sônia.

A displicência no atendimento médico chegou ao ponto de uma das mulheres ter engravidado duas vezes depois da cirurgia. Josilene de Jesus Filha tinha dois filhos e apenas 18 anos quando aceitou fazer a laqueadura tubária. Um ano e meio depois, teve

outro filho. Mais tarde veio o segundo bebê. O pai de Josilene, Jorge Francisco Filho, acha que as trompas da filha não foram ligadas de verdade. Na aldeia Caramuru, terra do índio Galdino, outras dez índias também se submeteram à laqueadura tubária.

Se a Justiça confirmar a responsabilidade do deputado pela esterilização de mulheres, Lavigne poderá ser processado pelo crime de lesão corporal. Isto porque em 94 ainda não tinha sido aprovada a Lei de Planejamento Familiar, que permite a cirurgia em mulheres com mais de 25 anos, com dois filhos ou com capacidade civil plena. Até o ano passado, a laqueadura só era permitida por lei no caso de risco de vida da mulher.

Demarcação de terras estaria por trás de extermínio

As operações em índias complicam ainda mais a situação do deputado porque a comunidade indígena está sob a proteção da Funai, que deveria ter sido consultada, o que não ocorreu. O Código Eleitoral também considera crime, punível com até quatro anos de reclusão, a oferta de serviços para obtenção de votos.

— Se ficar caracterizada a conduta de esterilização de índias, o Ministério Público vai propor uma ação criminal por lesão corporal e outra por improbidade administrativa pelo uso indevido de verbas do SUS — diz o procurador da República em Ilhéus, Cláudio Gusmão.

Por trás da esterilização em massa de índias no Sul da Bahia existe a disputa dos fazendeiros da região pela posse das terras dos pataxós, uma briga que se arrasta há quase 500 anos. Os líderes indígenas não têm dúvidas de que políticos, ligados aos fazendeiros, estão agindo para liquidar a comunidade indígena. Desde o descobrimento do Brasil os pataxós vêm sendo empurrados do litoral — área de Santa Cruz de Cabrália — para o interior. Os índios lutam na Justiça para retomar 420 fazendas que estão nas mãos de 280 fazendeiros. Graças ao poder econômico e político que têm, os fazendeiros conseguiram ocupar 98,5% da área pataxó. Resta aos índios 1,5% do que originalmente lhes pertence.

Fazendeiros ocupam terra que perícia concluiu ser pataxó

O clima de guerra na região está se acirrando porque a Justiça de Ilhéus acaba de concluir, por meio de perícia determinada pelo STF, que os pataxós são donos de 54 mil hectares de terras nos municípios de Pau Brasil, Itaju do Colônia e Camacã. Marcos históricos feitos em 1936 foram encontrados pelos peritos, confirmando a demarcação do território pataxó. Inconformados, os fazendeiros não abrem mão das terras. Os índios temem que a qualquer momento haja um massacre na reserva Caramuru, onde cinco fazendas foram retomadas em 97, com respaldo de uma liminar. Os policiais federais que faziam segurança no local foram retirados de lá há um mês.

— O que está acontecendo no Sul da Bahia é um genocídio. Trata-se do extermínio de um povo — afirma o secretário municipal de Saúde de Porto Seguro, Uldurico Pinto. ■